



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FAMÍLIA E VULNERABILIDADE SOCIAL: APROXIMAÇÕES EM TORNO DA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NO CONJUNTO PENAL DE ITABUNA.

Juracyara Alves de Santana

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Universidade Católica do Salvador

E-mail: juracyaraoliveira@hotmail.com

Janaina de Oliveira Menezes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Cidadania

Universidade Católica de Salvador

E-mail: janamez@gmail.com

Resumo

O presente artigo foi construído a partir da experiência de educação realizada no Conjunto Penal de Itabuna, através do Projeto Buscando Liberdade: Uma proposta Educativa para Jovens e Adultos em condições de cárcere. Tem por objetivo analisar as relações familiares desses jovens e as situações de vulnerabilidade social a qual foram expostos à luz de estudos realizados nas áreas citadas e afins situando o relato de experiência de educação no Conjunto Penal de Itabuna, no intuito de construir um referencial inicial de perspectivas sociais, familiares e educativas para os sujeitos em questão. Para tanto, foram analisadas produções de texto em um universo de 20 alunos jovens internos, buscando localizar as categorias de análises – família, juventude, vulnerabilidade - descritas acima. As conclusões iniciais caminham no sentido de caracterizar a influência familiar na constituição da personalidade juvenil bem como nas perspectivas sociais destes sujeitos enquanto indivíduos da sociedade itabunense.

Introdução

A Educação de Juvenil procura hoje formar o educando de uma maneira especializada, buscando dar conta das especificidades pedagógicas próprias da sua faixa etária e construir condições teóricas e práticas para o exercício da cidadania. Ao se submeterem ao processo educativo – em qualquer natureza, os jovens, embora estejam excluídos de muitas possibilidades que a cultura hegemônica oferece, trazem uma gama de representações sociais construídas ao longo da vida.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A partir do enfoque do tema da cultura como central no debate dos fenômenos sociais na atualidade, é fundamental estudar as representações sociais como parte da compreensão de tais fenômenos. Investigar as maneiras como os sujeitos pensam a si mesmos e aos outros contribui significativamente no desvelamento de comportamentos sociais, bem como, na compreensão sobre a permanência ou mudança de tais comportamentos.

Neste debate Hall apresenta-nos as descentralizações do sujeito pós-moderno “tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas. Menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (2005, p.87). Para o autor a condição de transformação da modernidade nos impõe questionarmos as tradicionais concepções de identidade uma vez que estas se constituem como elos entre os sujeitos, sua cultura e seu tempo. Deste modo, na medida em que nos situamos em um mundo em mudança, vivemos estas mudanças também em nossas identidades. Somos, portanto, sujeitos cotidianamente modificados pelas relações a qual estamos submetidos.

As representações sociais, compreendidas aqui a partir do conceito de Jodelet, como leituras, análises e explicação da realidade, são, também, componentes desta tecitura. Segundo a mesma, as representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2002, p.22). Neste sentido estudar juventude na atualidade requer, entre outras análises, o estudo das representações sociais destes jovens. Estes estudos nos ajudam a compreender a complexa dinâmica destes sujeitos no cotidiano, com seus efeitos na sociedade, uma vez que suas representações sociais possivelmente contribuem para delimitar sua compreensão da realidade.

Maria Rita Khel nos apresenta o conceito de juventude como sendo compartilhado com o conceito de modernização e de industrialização. Para a autora “a adolescência, na modernidade, tem um sentido de moratória, período dilatado de espera



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

vivido pelos que já não são crianças, mais ainda não se incorporaram a vida adulta” (KEHL, 2004, pág. 91).

Neste sentido estudar juventude requer, entre outras análises, o estudo das representações sociais destas juventudes. Estes estudos nos ajudam a compreender a complexa dinâmica das relações dos jovens com suas próprias identidades e com suas ações na sociedade, uma vez que suas representações sociais possivelmente contribuem para delimitar sua compreensão da realidade.

Especificamente, este trabalho se propõe estudar as representações sociais destes jovens quanto à própria juventude, bem como suas compreensões quanto a família, como modo de vivência da cidadania. Melhor dizendo, verificar em que sentido as representações sociais de juventude e de família interferem no modo como os jovens vivem seu cotidiano, como se relacionam com a instituição onde estão submetidos e como exercem a cidadania. Cidadania entendida aqui na definição de Rezende, como “um estado de espírito e uma postura permanente que levam as pessoas a agirem, individualmente ou em grupo, com objetivos de defesa de direitos e de cumprimento de deveres civis, sociais e profissionais” (1992, p. 67).

Família e juventude

Não é mais possível estudar as juventudes sem buscar compreender como os jovens se definem a si mesmos. Como se percebem e como se colocam no mundo. Neste sentido, Kehl nos traz uma apreciação de juventude que dialoga com os interesses desta pesquisa na medida em que para a autora “juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil de consumidor” (2004,p.89-91). Para ela, o conceito de juventude coincide com a modernização e a industrialização. “A adolescência, na modernidade, tem um sentido de moratória, período dilatado de espera vivido pelos que já não são crianças, mais ainda não se incorporaram a vida adulta”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em contrapartida, a família, na contemporaneidade ainda exerce função social relevante na medida em que fornece condições objetivas de participação social. Pela família, o homem se socializa e se constrói. Este homem é aqui percebido como um homem histórico, colocado concretamente em um tempo/lugar. Tendo a família um espaço significativo no modo na atualidade, não é de se estranhar que as condições e os modos de viver em família ofereçam subsídios para caracterizar conceitos que nos constituem ao longo da vida. Claro está que, estas conceituações passam também pela exigência social de *subir na vida* como uma das condições de felicidade.

Estas considerações permeiam as representações sociais dos jovens quanto ao seu papel social interferindo subjetiva e objetivamente no modo como se relacionam com o mundo, com suas próprias posturas e com o futuro. Sobretudo porque são os jovens os mais afetados pela fragmentação social a qual estamos, todos, submetidos. Os desarraigados que nos coloca em condição de permanente incerteza, possivelmente atingem mais significativamente os jovens que vivem, primeiramente, por conta de sua própria faixa etária, e em seguida por conta das condições mais incertas e adversas que vivem economicamente.

Para estudar estas tensões é imperativo nos debruçarmos sobre aspectos do cotidiano onde os jovens em questão estão colocados. Nesta tarefa, PAIS auxilia-nos a delinear um caminho quando apresenta sua sociologia do cotidiano onde “viajando no cotidiano, o pesquisador não vê as coisas em si, ou melhor, vê as coisas aos seus signos, os quais irrigam e avolumam as representações sociais, as visões de mundo” (2003, p. 55). E são justamente estas coisas do cotidiano avolumadas em suas interpretações que nos interessa porque estas expressões provavelmente darão conta de um universo bem mais amplo que o aspecto apenas psicológico da juventude.

As considerações elencadas aqui nos auxiliam no intuito de deduzir que a construção da cidadania não é um processo linear e sincrônico, antes, é cheia de percalços e contradições. Faz-se imprescindível por isso, buscar construir novas possibilidades educativas que dêem conta da enorme mudança conceitual que perpassa nosso entendimento de tais conceitos na atualidade. Estas possibilidades educativas não



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

serão construídas sem o julgo imediato da dificuldade de entendimento e da incredulidade, entretanto, estas mesmas possibilidades, quando amparadas pela sólida compreensão da educação como processo necessariamente democrático e cultural, nos trará perspectivas novas que possivelmente estarão mais ajustadas às experiências sociais dos sujeitos e oferecerá aprendizagens mais expressivas.

Vulnerabilidade Social e Juventude

Os conceitos construídos são demonstrações por vezes modificadas e arbitrárias, mas que evidenciam características fundamentais para o entendimento de alguns comportamentos e modos de vida, por exemplo. Entre os jovens podemos identificar inúmeros símbolos que denunciam suas posturas porque estão carregados de sentidos e de significados. Vale salientar, entretanto, que os significados culturais estão presentes em todos os espaços e em todos os tempos onde os homens produziram cultura. Nesta condição existem significados atribuídos também a aspectos comportamentais da infância, da maturidade, da velhice, sem distinção de classe social, raça ou espaço geográfico embora resguardando suas peculiaridades.

Knobel, na definição dos aspectos da adolescência, identificou uma *síndrome da adolescência normal*¹ que denota características próprias desta fase de desenvolvimento, como a busca de si mesmo e da identidade; a tendência grupal; ou as contradições sucessivas de conduta. O autor, em seus trabalhos, detalha os dez sintomas desta crise. Consideramos, contudo, não necessário ao desenvolvimento do nosso trabalho explorá-las aqui.

A partir da análise do cotidiano podemos considerar que estas manifestações estão presentes em grande parte dos jovens dos quais convivemos. É bastante plausível inclusive que esta síndrome descrita por Knobel seja recorrente em diversos momentos históricos e representem o sentido do desenvolvimento humano em geral, todavia faz-se

¹ Teoria de Mauricio Knobel que determina um padrão de comportamento adolescente como resultado de desajustes próprios desta fase do desenvolvimento humano.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

imperativo considerar o universo cultural ao qual o jovem está submetido e que, certamente interfere no aparecimento e no desenvolvimento destes sintomas. Neste sentido, é importante diferenciar o estudo dos significados culturais juvenis de cada época, como possibilidade de aproximação com este jovem.

Apesar de comumente se considerar as características dos jovens como determinada por fatores biológicos e, portanto, fora da capacidade de análise social e psicológica, a antropologia cultural, especificamente nos estudos de Margareth Mead vem afirmar que os processos de desenvolvimento humano, dentre eles, a adolescência, são fruto, tanto dos fenômenos biológicos quanto dos fenômenos sociais e culturais que envolvem e definem o sujeito. Muuss afirma a sobreposição entre duas importantes categorias de análise do adolescente: a biológica e a cultural. “A constituição biológica do homem não determina padrões particulares de comportamento; as células geminais não transmitem cultura” (MUUSS, 1966, pag. 56). Isso posto, torna-se evidente a importância do estudo do jovem na atualidade aliado ao estudo da cultura e da diversidade cultural.

É por esta razão que se diz sempre que entender um jovem não é fácil! As mudanças pelas quais a juventude passa bem como as análises unireferenciais os remetem a uma condição de sujeitos em permanente suspensão. Isso, aos olhos pouco apurados dos adultos, que, por vezes, insistem em determinar condições exatas de desenvolvimento, cometendo excessos no julgamento de comportamentos que podem ser beneficiados pela relatividade e maleabilidade cultural.

Outro aspecto fundamental é perceber a juventude dentro de uma perspectiva crítica, reconhecendo que o próprio conceito de juventude é modificado se o situarmos em determinado contexto histórico, ou, por assim dizer, o conceito de juventude muda de acordo a época de que se fala, quando “toda adolescência leva, além do selo individual, o selo do meio cultural e histórico” (ABERATURY, 1981, pag. 28).

O conceito de vulnerabilidade social é aqui estudado a partir de Mary Garcia Castro, quando a mesma apresenta os seus conceitos de vulnerabilidade positiva, como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

exemplo, o agito e a rebelião e, vulnerabilidade negativa como uma condição de exclusão social e falta de acesso a direitos fundamentais. (CASTRO e ABRAMOVAY, 2005)

Perceber as características que marcam o comportamento juvenil como impregnadas de sentidos biológicos e significados sociais requer do educador uma disposição para um diálogo por vezes árduo. Estas possibilidades recriam antigos significados sociais e culturais de acordo as necessidades atuais, bem como recriam com isso novas formas de interação, de convívio e de linguagem. É esta linguagem que necessita ser entendida pelo educador contemporâneo no sentido de promover diálogos com estes jovens. Estas possibilidades estão presentes quem sabe, na busca por descobrir e entender os significados juvenis dentro de suas próprias vivências, em uma dialética que oscila todo o momento entre as influencias universais e biológicas, as referencias diversas advindas de pontos de vistas diferentes e as inúmeras possibilidades culturais que ressurgem todo dia.

É possível que educadores e demais interessados em desvendar este ser estranho que é o adolescente, possa transitar neste espaço negociado, por um lado superando e aprendendo com os conflitos gerados nas diferenças de perspectivas do adolescente e do adulto e, de outro modo, entendendo seus significados e garantindo que este adolescente possa, de fato, viver respeitosamente sua fase de desenvolvimento. Conflitos, inclusive, tão necessários a manutenção do diálogo e da aprendizagem entre os sujeitos porque oportunizam a revisão de conceitos, de signos, de significados adultos e jovens.

Relato de uma experiência

Os jovens alunos observados aqui são do sexo masculino, possuem entre 18 e 25 anos e são da cidade de Itabuna ou cidade circunvizinhas. Estão em condição de preso sentenciado ou preso provisório aguardando sentença, onde aproximadamente de 85% respondem a crimes relacionados ao trafico de drogas, \pm perto de 7,5% a assaltos com porte ilegal de armas e cerca de 7,5% a homicídio.



A opção pela análise do discurso nesta ocorreu porque esta técnica pode nos oferecer melhores condições de interpretação dos textos, com vistas a compreensão mais aprofundada dos aspectos explicitados nos mesmos. Segundo GILL “uma análise do discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e função do discurso” (2004, p. 266). Ainda segundo a autora a análise do discurso pressupõe quatro temas principais: “uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso” (2004, p. 247)

As representações apreendidas a partir dos escritos dos jovens foram categorizadas da seguinte forma:

- Família como *ideário de felicidade* ou *ausência desta a partir do fenômeno da desestruturação*;
- Juventude *como período feliz e normal* ou *com grandes experiências*;
- Vulnerabilidade como *condição de acesso fácil as coisas boas do mundo, que levam o sujeito a agir, por vezes, de modo errado*;

A partir das categorias elencadas acima, fez-se necessário a construção de correlações entre elas e os autores Kehl (2004), Roudenesco (2002), Castro e Abramovay (2005), analisados da seguinte forma:

- Família como *ideário de felicidade* ou *ausência desta a partir do fenômeno da desestruturação*;

Para Elisabete Roudenesco, a família apresenta-se em desordem. É necessário, pois, permitir uma compreensão profunda das complexas questões familiares na atualidade, considerando antecedentes e desdobramentos, e ainda situando os planos social, físico e mental. Penetrar no segredo desses distúrbios de família e perceber a



necessidade de adoção de uma nova perspectiva do movimento histórico- cultural, despido de preconceitos para acompanhar as configurações familiares inovadoras que se apresentam. É enfatizada a capacidade da família como instância capaz de assumir este conflito e de promover nova ordem simbólica, sob a demanda de que: “ a família do futuro precisa ser reinventada” (p. 199.)

- Juventude *como período feliz e normal* ou *com grandes experiências*;

Segundo Maria Rita Khel “a juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil de consumidor, uma fatia de mercado onde todos querem se incluir.” (KEHL, 2004, pág. 90)

- Vulnerabilidade como *condição de acesso fácil as coisas boas do mundo, que levam o sujeito a agir, por vezes, de modo errado*;

Castro e Abramovay: Vulnerabilidade social positiva e vulnerabilidade social negativa: “(...) o agito, a rebelião, é uma das possíveis vulnerabilidades positivas – formas de ser e de buscar dos jovens, entendidas, muitas vezes, pelos adultos como negativas, mas que colaboram para singularizar processos de afirmação”. Vulnerabilidade social negativa estaria atribuída a condição de exclusão social e carência, no plano do senso comum, mas as pesquisas demonstram que a condição de vulnerabilidade social deve estar associada a fatores relacionados como alta taxa de mortalidade, desemprego e falta de acesso a direitos fundamentais. “Frisa-se que as materialidades que vulnerabilizam jovens e não jovens, hoje, combinam privações econômicas, mas não se limitam a essas: é econômica, é política e é cultural.” (CASTRO e ABRAMOVAY, 2005, p. 56 - 77).

Retomando as categorias de análises desenvolvidas ao longo do estudo para tratamento dos dados coletados a escrita para apresentação das análises se dará a partir de uma análise reflexiva. Para Colombo a análise reflexiva “trata-se da tentativa de conjugar a especificidade e a legitimidade de um discurso especializado sobre o social sem deixar de lado a consciência de que tal discurso é inevitavelmente posicionado e



parcial (...)” (2005, p. 183). Por outro lado, ainda segundo o autor “as interpretações do pesquisador são ulteriormente problematizadas, sendo colocadas em comparação com outras interpretações avançadas e produzidas por outros atores presentes na realidade” (p.284). Nesta acepção nossa escrita considerará, portanto, as diversidades, os diversos pontos de vistas e as diferentes interpretações dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Buscará introduzir a refletividade e explicitar a posição que o pesquisador assume. Não trará uma conclusão, mas elencará pistas para um debate sobre o tema em questão.

Considerações

Existem duas maneiras de observar as culturas jovens: através das sociologias prescritivas ou através das suas próprias expressões cotidianas. Não é difícil perceber que há um enorme hiato entre as prescrições sociológicas e, diria, psicológicas e os comportamentos juvenis na atualidade.

“As ‘voltas e meias voltas’ retratam, expressivamente, muitos dos atuais cotidianos juvenis, como se os jovens nutrissem uma espécie de *culto de sensação multiplicada* (...) é nesta lógica ‘experimentalista’ que se geram muitas das novas sensibilidades juvenis. (...) inconstância, flutuações, descontinuidade, reversibilidades. (...) Os jovens tendem a tudo relativizar; desde o valor dos diplomas até a segurança de emprego. E não o fazem sem razão. (...)Nos tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as setas do tempo linear se cruzam com o enroscamento do tempo cíclico (...) são muitos destes contratempos que caracterizam a condição juvenil contemporânea. (PAIS, 2006, p. 8 e 9)

Há uma forte orientação para o presente uma vez que o futuro é demasiadamente incerto. Um grande investimento no presente e uma *desfuturização do futuro*. Protagonismo é anseio do jovem. Apesar dos apoios familiares o jovem não percebe o futuro como uma promessa e neste sentido, a escola perde seu caráter antecipador deste sucesso. “É importante desvendar as sensibilidades performativas das culturas juvenis em vez de nos aprisionarmos a modelos descritivos com os quais os jovens já não se identificam” pág. 13



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Thompson também contribui para a compreensão deste fenômeno quando nos apresenta o conceito de reificação, que seria uma estratégia para a manutenção de normas, valores, atitudes como aspectos que constituem a modernidade “justamente por serem consideradas pertencentes a uma tradição ‘eterna’ e, por esta razão, aceita e justificável, onde uma situação transitória é representada como permanente ocultando seu caráter sócio-histórico” (CRUZ apud THOMPSON, 2008, p. 4). Esta naturalização que transforma em determinado o que pode ser modificado - porque histórico - contribui para a divulgação de uma idéia de gênero que parece ser imutável. Inserem-se aí as representações sociais.

Por outro lado não se pode excluir a análise do entorno socioeconômico do Brasil na atualidade. O Radar Social - um documento de monitoramento das condições de vida no Brasil, produzido pelo IPEA, segundo dados de 2003, revela um país dual e desigual: o país está em penúltimo lugar em distribuição de renda; 1,7 milhões de pessoas com mesmo rendimento de outros 86,5 milhões; 44,1 % da população negra vivem em domicílios com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo contra 20,5 % de brancos; 28,5 % da população não têm acesso simultâneo a serviços de água, esgoto e coleta de lixo; O desemprego cresceu de 6,2 % para 10%. A informalidade também cresceu;

Principalmente: cerca de 11,6 % da população de 15 anos ou mais são analfabetas e menos de 70 % dos que tem acesso a escola concluem o ensino fundamental; em 10 anos morreram cerca de 600 mil jovens entre 15 e 25 anos com o argumento do combate ao tráfico; Em 2001 – R\$ 237,6 milhões em construção, ampliação e reforma de prisões contra R\$ 5,6 milhões em assistência e profissionalização de presos.

Estas são as expressões da questão social e da política social no Brasil onde os programas focalizados têm efeitos na diminuição da indigência mas não alteram a pobreza e a desigualdade. Esses dados mostram que há uma violência *que vem de cima* - estrutural sobre os pobres. Composta de 3 elementos: desemprego, exílio em bairros decadentes e estigmatização na vida cotidiana. Que tem gerado enfado, desânimo e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

desespero e na juventude ressoa como cerco social e raiva além do constante apelo ao consumo como condição de dignidade. Para Behring e Boschetti há uma questão essencial a ser colocada: “Trata-se ou não do fortalecimento de um Estado penal em contraponto à reforma social democrata trazida pelo conceito de seguridade social?” (p. 189)

Referencia bibliográfica

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BEHING, Elaine Rossetti e BOSCHETTI. **Política Social: Fundamentos e História**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASILIA. Ministério da Saúde. **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Coord. Maria de Lourdes Jeffery Contini. Org. Silvia Helena Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

CANDAL, Vera Maria. **Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios**. In: Candal, Vera Maria (Org). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra a corrente**. Ensaios sobre democracia e socialismo. São Paulo: Cortez, 2000.

CRUZ, Sabrina Uzêda da. **A representação da mulher na mídia**: um olhar feminista sobre as propagandas de cervejas. 2008. In: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14477.pdf> Em 10.06.2011

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2007.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**. Enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2005.

GILL, Rosalind. **Análise de Discurso**. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um manual prático. 3 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PAIS, José Machado. **Buscas de Si: expressividades e identidades juvenis**. Prefácio In: ALMEIDA, Mª Isabel de Almeida e EUGENIO, Fernanda (orgs.) Culturas Jovens. Novos Mapas do Afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.